

CAPÍTULO 6

QUAL FOI A ÚLTIMA COISA QUE FIZEMOS PELA PRIMEIRA VEZ?

Maria Cristina Marques
Doutoranda em Educação
(Programa de Pós Graduação em Educação - PROPED- UERJ)
E-mail: mariacmarques2010@hotmail.com

Resumo:

Esses escritos compartilham experiências de entrada em campo etnográfico com pesquisas com crianças ciganas do acampamento Mathias, no município de Quissamã, estado do Rio de Janeiro. O estudo, ainda em andamento, se justifica pela urgência em respeitar o povo cigano e compreender suas demandas. Pretendemos também, como nossa pesquisa e através de nossa fotoetnografia miúda, ampliar espaços nos chamados Estudos das Infância. Urge que os grupos ciganos sejam vistos pelos seus valores, seus modos de vida e suas narrativas, incluindo as narrativas das crianças.
Palavras-chave: Crianças ciganas. Fotoetnografia. Infância. Educação.

Abstract:

These writings share experiences of entering the ethnographic field with research with gypsy children from the Mathias camping, in the municipality of Quissamã, in the city of Rio de Janeiro. The study, still in progress, is justified by the urgency of respecting the Romà people and understanding their demands. We also intend, as our research and through our childhood photoethnography, to expand spaces in the Childhood Studies. It is necessary that Roma groups be seen for their values, their ways of life and their narratives, including children's narratives.
Keywords: Gypsy children. Photoethnography. Childhood. Education.

A história dos ciganos, de um modo geral, tem sido escrita por não ciganos, e muitas vezes, a história deles é divulgada sob olhares de pesquisadores. A imaginação que se tem acerca dos ciganos é que são povos que acreditam em Santa Sara Kali, místicos ou que são ricos, donos de empreendimentos. Algumas vezes, nos deparamos que ciganos são ladrões de criancinhas, espertos em negociações.

Entretanto essa realidade está muito longe dos grupos étnicos que vivem no Brasil. Há muito que os ciganos vêm se agregando à sociedade brasileira, muitas vezes se escondem para não passarem por certos estereótipos. Vale ressaltar que os presidentes do Brasil Juscelino Washington Luís e Kubitscheck de Oliveira e, a poetisa Cecília Meireles, o cantor Benito de Paula, o ator de comédia Dedé Santana, o músico e compositor Renato Teixeira, a cantora Rosana, o pianista e tecladista Wagner Tiso, o circense palhaço Carequinha, dentre outros, são exemplos de alguns famosos brasileiros, que preferiram o anonimato sobre a procedência de sua etnia cigana.

Podemos mencionar que a origem dos ciganos é incompleta. Entretanto, o intuito não é entender a origem, pois vários estudiosos cogitam um espaço diferente que vieram os ciganos. Portanto, para conhecermos um grupo étnico não se faz necessário buscar a sua essência, mas entendermos que esse povo sempre somou como parte de uma sociedade, que o não reconhece como tal.

Face a este cenário, Teixeira (2007) enfatiza que "a história dos ciganos é a história de um mosaico étnico [...]". Teriam chegado ao Brasil num nomadismo compulsório, obrigados por conta de expulsões. Esses grupos itinerantes vieram de Portugal no início do "descobrimento", enviados pelo rei dePortugal: "[...] a documentação conhecida indica que sua história no Brasil se iniciou em1574 quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados para o Brasil" (TEIXEIRA, 2007, p. 11).

Moraes Filho (1981) relata que vários são os registros da presença cigana no Brasil nas crônicas portuguesas, nos tribunais do crime e nas conversas a bordo dos navios que conduziam esse povo ao Brasil. A intenção do governo do nosso país era de mantê-los sob um "modo de vida estável" com a "proibição do uso de sua língua e gíria, não se permitindo que se ensine a seus filhos, a fim de obter-se a sua extinção"[1]. Trabalhavam como "caldereiros, ferreiros, latoeiros e ourives; as mulheres rezavam quebranto e liam a sina". Alojavam-se em barracas no Campo dos Ciganos. (Moraes Filho, 1981, p. 26-27). Esse campo é o atual Campo de Sant'Ana, no Rio de janeiro.

A História do Brasil, antes da Lei 10.639/2003[2], era somente contada pela ótica da escravidão do negro e a expulsão dos indígenas de suas terras, mas podemos observar, pelos estudos de Moraes Filho (1986) que a participação dos ciganos nas festanças ocorridas no Rio de Janeiro, principalmente no casamento da Princesa D. Maria Teresa com seu primo, Infante da Espanha, D. Pedro Carlos, que ocorreu desde do dia 1 a 3 de maio de 1810, sempre foi ocultada pelas autoridades brasileiras. A mídia não conta, os livros também não. A exemplo:

> Os ciganos foram convidados para as festas dadas na capital brasileira por ocasião da filha mais velha de D. João VI com o infante espanhol. Os moços desta nação, trazendo à garupa suas noivas, entraram no circo montando belos cavalos ricamente ajaezados. Cada par pulou no chão, com incrível agilidade, e todos juntos, executaram os mais lindos bailados que eu jamais vira. Todos só tinham olhos para as jovens ciganas e os outros bailados que também executaram pareceram ter tido por único fim fazer sobressair os dos ciganos como os mais agradáveis (MORAES FILHO, 1981, p. 30).

[1] "Nas provisões de 15 de abril de 1718, 23 de agosto de 1724, 29 de maio de 1726 e de 29 de julho de 1740", Leem-se alguns comentários acerca da chegada dos ciganos ao Brasil. (MORAES filho, 1986, p.26).

[2] Lei da Educação criada em 2003, para inserir nas escolas brasileiras os ensinos das culturas afro-brasileira, africanas e indígenas nas disciplinas do currículo escolar.

Nesse sentido, não somente na participação de festas, como também em outros aspectos culturais, existem registros da participação desse povo. Urge ampliar o foco dos currículos eurocêntricos para o reconhecimento de culturas que participaram na construção da nação brasileira. Assiste-se, então, à emergência de uma legislação educacional que enfatize o trato da diversidade sociocultural nos currículos escolares, principalmente no que se refere aos a fluxos migratórios desencadeados pela necessidade de ciganos.

Até hoje não existe um espaço para ciganos na sociedade. Não são reconhecidos como parte na construção da etnia brasileira. Pelos estudos que estamos realizando, percebemos que nem eles mesmos se consideram como parteda sociedade brasileira, em geral. Foram forçados comercializar para sobreviver, são nômades e natos comerciantes. Os deslocamentos, muitas vezes, se davam por causa dos donos de terra que não lhes permitiam acampar, com receio de perder suas propriedades. Outros preferem o sedentarismo, constroem suas residências, com receio da crueldade que a propriedade privada pode provocar diante de uma equivocada situação de ameaça.

Esses escritos baseiam-se numa pesquisa, ainda em andamento, acerca da infância cigana num acampamento do município de Quissamã, no Estado do Rio de janeiro. A intenção aqui é ilustrar os caminhos da pesquisa, de como cheguei ao campo, trazendo as dificuldades preliminares encontradas e chamar a atenção para o reconhecimento da cultura cigana na sociedade brasileira, analisando o modo de vida das crianças e o papel da família cigana.

O povo cigano é considerado como uma comunidade tradicional que tem uma cultura rica de memória e de arte. A prática cultural cigana é ancestral, por isso seus saberes são oriundos pela história oral, que justifica marcas do engessamento de seus costumes e valores étnicos.

Do ponto de vista étnico racial, segundo Shimura (sem ano de publicação – kindle, paginação irregular):

> existem três grandes grupos étnicos: Sinti, Rom e Calon (grifos do autor), cada qual com inúmeras subdivisões e peculiaridades (linguísticas, culturais, religiosas etc) o que significa que cada grupo possui diferentes autodenominações a partir de sua alteridade: calon autodeclara-se calon, rom autodeclara-se rom e sinti autodeclara-se sinti.

Seriam três principais grupos étnicos: Rom, da Europa Central, em maior quantidade pelo país; os Sinti, da Alemanha, Itália e França; e os Calon, "da Península Ibérica, onde ainda são numerosos, migraram para outros países europeus e da América.Foi de Portugal que vieram para o Brasil, onde são o grupo mais numeroso" (TEIXEIRA,2007, p. 19-20).

Os Calon[3] foram os primeiros a terem registros no Brasil. Considerados o grupo mais pobre da etnia, com excesso de itinerância e pouca instrução. A etnia de Quissamã, RJ, *locus* da presente pesquisa, é Calon.

Segundo Bareicha (2003, p. 13), "os Calon podem ser encontrados divididos entre Calon portugueses e Calon espanhóis e no nosso país são nomeados Calon baianos, Calon mineiros, Calon gaúchos e assim por diante, conforme a sua região".

Figueiredo e Monteiro (2020, p. 346) ratificam que "ser cigano Calon pode ser considerado, em aspectos de modo de vida, diferente de ser cigano Rom, assim como ser um indígena Potiguara possui aspectos da vida e cosmologia diferentes de ser um indígena Kaiowá".

[3] Em relação à grafia das etnias, sigo Franz Moonen (2013), que utilizou a "Convenção para a Grafia de nomes Tribais" da 1.a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos de Língua Portuguesa. Definiu-se não flexionar gênero e número, quer nos nomes usados como substantivos ou adjetivos. Disponível em: www.julimelatti.pro.br. Acesso em: 1 de jun. 2021.

Seu idioma é velado, falado somente entre eles: o chibi. Não existe uma escrita específica, a não ser alguns vocabulários que por aí perduram. A língua chibi é um meio de defesa dos ataques estereotipados por quem não conhece essa etnia. Quando querem se comunicar entre eles, para os gadjes (não ciganos) não entenderem o que dizem, usam o Chibi. Como ilustramos acima, o idioma foi proibido desde longas datas, inclusive criando barreiras internas na família para não passar o saber da língua para seus descendentes.

Monteiro (2018, p. 5) enfatiza que

> podemos compreender que a língua faz parte da compreensão do próprio sujeito cigano como pertencente a um grupo, tomando a ideia que o Chibi é o elo de primazia da comunicação e aprendizagem, conector entre sujeitos ciganos.

A veracidade étnica é dada pela aprendizagem e conhecimento da língua, desde a infância: "o Chibi então arremata nos sujeitos que o compartilham, o sentido de serem pertencentes ao mesmo grupo" (MONTEIRO, 2018, p. 6).

Seguimos a metodologia da fotoetnografia miúda (CAPUTO, 2018), que nos permite pensar com as crianças, tendo a fotografia como um potente dispositivo da etnografia. Em 2019, no acampamento Mathias, na cidade de Quissamã, usamos fotos por dispositivos móveis, como o celular, máquinas fotográficas, vídeos de nossos interlocutores. [4] A fotografia não é uma questão menor em nossa pesquisa; ela é fundamento. Caputo (2018) nomeou o que fazemos de fotoetnografia miúda, uma etnografia que sente, subjetiva, interpreta, experencia, e compartilha as culturas infantis (SARMENTO, 2007) com as fotografias e filmes produzidos com elas. Para Sarmento (2014), a principal e mais

[4] Temos autorizações das imagens pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas nossas crianças pesquisadas como também por seus responsáveis.

importante forma de uso das metodologias visuais é a produção de imagens de investigação. A pesquisa em curso se justifica pela urgência em respeitar as crianças, suas visibilidades de vozes e de imagens, produções de um saber crítico no campo dos estudos dos ciganos, que devem estar a favor das próprias pessoas romanì (ciganas). Praticamos e vivenciamos com os ciganos, nas visitas frequentes desde o início de 2019 a dois acampamentos. Fotografamos, entrevistamos, filmamos, conversamos, observamos grupos de crianças ciganas e suas famílias. É assim que aprendemos, e seguiremos.

Refletimos com Goldfarb e Monteiro (2017, p. 22), quando mencionam que a infância cigana não pode ser compreendida como se compreende a infância ocidentalizada: "torna-se importante conhecer como é definida cada fase do ciclo da vida nos grupos sociais; e neste caso entre os ciganos, cuja idade e certos períodos do ciclo da vida não correspondem à mesma forma de conceituação de outros grupos".

Nas comunidades ciganas, o homem é o provedor do alimento, e a mulher é quem cuida do lar e ensina as meninas crianças, que deverão ser preparadas para se casarem cedo. "Para meninos e meninas ciganos, o momento de liminaridade é iniciado ainda cedo, no que chamaríamos de infância, num momento que denominamos como etapa de preparação (grifo das autoras) [...]" (GOLDFARB, MONTEIRO, 2017, p. 22).



Imagem 1. Localização de Carapebus e Quissamã

É factível mencionar que os primeiros contatos da pesquisa com os ciganos começaram no início de 2019, por informações acerca desse povo nas redondezas do município de Macaé. Sensação de entusiasmo, junto com certa tensão, espalhava pelo meu corpo, talvez pela paixão e desejo de iniciar o campo de pesquisa.

Sempre que nos deslocamos para Carapebus e Quissamã, avistamos um verde intenso e brilhante, em contraste marcante com o azul do mar. As faixas de terra da lavoura chamam a atenção de qualquer visitante. Nuvens brancas se juntam e se movem sobre o mar, que quebra a monotonia da cor verde das matas.

Sobre o município de Quissamã, importante destacar que a produção açucareira do período colonial ocupou toda a região Norte Fluminense da cidade do Rio de Janeiro. "O primeiro Engenho Central estabelecido na província fluminense foi o de Quissamã, localizado no município de Macaé [...]" (MARCHIORI, 1987, p.19-20). Foi o último lugar que ainda continuou com um significativo contingente de escravos, mesmo depois da abolição (CAVALCANTI, 1987, p. 130). Duas manifestações culturais eram bem visíveis e atuantes na época: "o jongo e a macumba", ou seja, religiosidades de Umbanda e Candomblé. Vários eram os

terreiros nessa região, de acordo com Cavalcanti (1987).

Em Carapebus, foi a minha primeira experiência de entrar num campo etnográfico. Era uma quarta-feira de cinzas de 2019, e não sabia o que iria encontrar. Ao me aproximar, percebi que existiam dois acampamentos, distantes um do outro. No acampamento mais perto do centro de Carapebus, observei um lugar aberto, duas barracas somente: uma no início da rua Rua Projetada, paralela à Rua Salim Salém Bechara, e outra mais acima. A rua não era calçada e havia poucas moradias.

Malinowsky (1978, p. 22), ao relatar a sua experiência no primeiro contato com os habitantes dos arquipélagos da Nova Guiné, destaca que o pesquisador não deve ficar à espera que a pesquisa caia fácil para ele, pois encontrará sempre obstáculos. Não foi fácil os primeiros contatos com os ciganos, afinal de contas, esse grupo social já passou por diversos estereótipos e rejeições em suas caminhadas.

Ao chegar, chamei na primeira barraca e ninguém atendeu. Caminhei mais acima e Luzia veio ao meu encontro. Encontrei Luzia Soares, com seus 55 anos. Dizia ser a mulher do chefe do acampamento. A Calin (mulher cigana) era a mais idosa daquela comunidade. O primeiro gesto dela foi pegar na minha mão, pensando quefui à procura de sua leitura. A quiromancia, é a arte divinatória mais praticada para algumas mulheres do grupo Calon. Algumas vão de uma cidade para outra com a finalidade de angariar fundos para sua família com a leitura de mão. Entre as mais jovens, ao menos pelo que tenho até agora constatando nesse acampamento, tal costume vem desaparecendo.

Luzia tem um rosto moreno, queimado pelo sol, comprido, magro, marcado pelo tempo e com os dentes encobertos por ouro, tradição mantida por muitas ciganas e ciganos. Os cabelos lisos, longos e escuros demonstravam ainda a água que os havia lavado. Seu perfume envolveu nossa conversa. Trazia muitos ornamentos

dourados pelos seus braços. Como todos os ciganos da localidade, trajava um vestido típico de sua etnia, de cor azul.

Expliquei o motivo de estar ali. Pediu que voltasse após três horas, pois as crianças do acampamento estavam dormindo. Resolvi esperar dentro de meu carro. Nesto momento, reflito com Wagner (2012, p. 44) quando argumenta sobre a inexperiência do pesquisador na primeira visita ao campo e sua solidão, seu desamparo.

Ele pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar a sua língua, mas permanece o fato de que ele tem que começardo zero. É como uma pessoa, então, como um participante, que começa sua invenção da cultura estudada. Ele até agora experimentou a "cultura" como uma abstração acadêmica, uma coisa supostamente tão diversa e tão multifacetada, e no entanto monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ouvisualizá-la. Mas enquanto ele não puder "ver" essa cultura em torno de si, elalhe será de pouco conforto ou utilidade.

Exatamente como o autor descreveu, me sentia solitária dentro de um carro. Contudo, a sede por conhecimento me fez insistir e superar esse sentimento. Queria imensamente conhecer Luzia e seus netos, conhecer a vida dos ciganos de Carapebus.

Ainda que nossa pesquisa tenha as crianças como principais interlocutores, os responsáveis por elas, adultos, precisam autorizar o nosso contato. Em respeito aoacampamento pesquisado, Luzia, a mais velha e a matriarca do acampamento dificultava a minha entrada. Ela estaria tentando se distanciar de mim? Pensou que eu fosse desistir por ter que esperar por tantas horas? Wagner (2012, p. 45) relata esse episódio com destreza:

> Todas essas circunstâncias se devem ao fato de que as pessoas geralmente se sentem desconfortáveis com um estranho em seu meio [...]. Frequentemente lhe criam dificuldades como uma forma de defesa, para

> tentar mantê-lo a umacerta distância ou pelo menos retardá-lo enquanto é contemplado e examinadomais nitidamente.

Luzia se preocupava com a minha presença. “Ele vai estudar amanhã, está fora da escola, mas já está voltando amanhã”, enfatizava, sem mesmo eu nada questionar em relação a seu neto. Finalmente, sentamos na calçada, uma perto da outra, identifiquei-me outra vez e lhe disse os propósitos de estar lá. A cigana não me ouvia e imediatamente pegou a minha mão para ler outra vez, mesmo lhe explicando que não desejava a leitura de mão, naquele momento.

Em meus primeiros diálogos, avancei ou recuei quando percebi reações não verbais. Ela sentiu-se mais confortável quando lhe disse que apenas queria escrever o quepesquisava, e não criticar e fortalecer preconceitos já solidificados em nossa sociedade contra os ciganos. Luzia se sente mais confortável e começa a falar de sua vida:

> Sou uma cigana-índia. Meu pai era índio aqui em Carapebus e fugiu num acampamento cigano e se casou com a minha mãe. Foi ser nômade. Não sou pobre, possuo uma fazenda aqui pertinho com cabeças de boi e empregados, mas somos ciganos e gostamos de acampar. Estamos aqui já faz dois anos.

Aprendi que o fato de os ciganos serem sedentários não representa a perda de suas características nômades. No caso de Luzia, mesmo tendo terras, residência fixa, origem indígena e sangue cigano, vive conforme tradição. Filha de cigana, Luzia tem a identidade de uma cigana nômade, não gosta de paredes e reside ao vento, à natureza.

Luzia disse ser filha de índio fugido aos ventos ciganos. O lugar de memória de seu pai é explorado pelas terras deixadas, transformadas em fazenda na redondeza de Carapebus, que con-

tinua ativa. Ainda hoje, encontro Luzia no centro de Quissamã lendo mãos para angariar algum dinheiro para ajudar no sustento de sua família.

Em alguns momentos, percebi que conversava numa língua, que até aquele momento não entendia,com seu esposo Sadi Soares Ribas, de 62 anos, que havia chegado. Mais tarde vi que se tratava do Chibi. O Calon havia saído para negociar e disse ser o chefe do acampamento. Continuavam a dialogar, tinha a impressão de que falavamde mim, pois me olhavam e gesticulavam.

O sistema de parentesco dos ciganos é patriarcal. Sadi vive do comércio de comprae venda de carros, relógios, dentre outros objetos. Um costume só para os homens. Na garagem, uma camionete do ano, Toyota, branca. Aos domingos saem para beber e negociar com outros não ciganos. Às mulheres cabem a manutenção de seu lar, as barracas, a criação de seus filhos, raras são as que leem mão. Sadi tinha uma aparência máscula, com seus dentes de ouro e suas pulseiras de ouro, calçava uma bota, uma calça nova com um cinto de fivela grande, tipo o de um caubói.

Ana Paula Voria Stephanovsky (2015, p. 326), em seus estudos com literaturas cujos personagens são ciganos, identifica o caráter estereotipado com que autores acresciam personagens de suas obras. A romanì localiza os estigmas, também, na obra "Cem anos de Solidão". Segundo a estudiosa, para chegar a essa conclusão, o autor, além de trazer nas páginas de seu livro que Melquíades era um cigano honrado, causava a impressão que outros não o fossem. Estigmas, infelizmente, ainda continuam.

A aparência de Sadi vai ao encontro às leituras que fiz de "Cem anos de solidão" da descrição do personagem Melquíades: "um cigano corpulento, de barba indomada e mãos de pardal" (MÁRQUEZ, 2018, p. 07). Percebemos que o personagem de Marquez, em alguns trechos da narrativa, carregado de estereótipos ciganos, mas que passa a ser valorizado como um indivíduo

dotado de conhecimentos alquímicos, no decorrer da história. Sadi é dotado de sabedoria mercantil, na sua garagem havia um automóvel caro e estava pronto para ser negociado, segundo o Calon. O Melquíades, personagem de Gabriel García Marquez (2018, p. 7), também negociava. O personagem viajava para o mundo e conhecia artefatos e experimentos modernos, trazendo como novidade para a aldeia, que estava longe de toda modernidade. "Foi de casa em casa arrastando dois lingotes metálicos e todo mundo se espantou ao ver que os caldeirões, as caçarolas, os alicates e os fogareiros caíam de onde estavam [...]". Nesse episódio, o cigano trouxera um ímã e todos ficaram extasiados com a novidade.

O acampamento de Luzia e de Sadi era um tipo de acampamento nômade, ou seja, a qualquer momento poderia ser desmanchado e se deslocar para outro lugar. Márquez (2018, p. 7) comenta acerca dos deslocamentos dos ciganos: "todos os anos, lá pelo mês de março, uma família de ciganos esfarrapados plantava sua tenda perto da aldeia [...]". em 2020, encontrei o casal no acampamento Mathias, em Quissamã.

No primeiro encontro, percebi que não tive muito sucesso. O neto de Luzia, Eduardo Soares, dez anos, enfatizava: "Não sei nada de cigano, não adianta me perguntar nada". Até aquele momento, era o único cigano criança daquele acampamento, e percebi que já sabia o propósito de minha visita. Nesse jogo de pesquisador e pesquisados, fiquei desanimada, pois os meus sujeitos de investigação traçavam qualquer impossibilidade de eu seguir em frente.

Já estava quase indo embora quando perguntei à matriarca Luzia se podia entrevistar as pessoas que moravam na barraca mais abaixo. Tinha que sair dali, ao menos com algumas observações das crianças do acampamento. Percebendo-me cabisbaixa e com olhos desesperançosos, uma cigana me viu passar e falou: "se achegue aqui, estou te vendo por aqui desde manhã". Foi quando Diana Soares, de onze anos, e Moisés, de três anos, filhos de Daiane Soares, 38, me receberam.

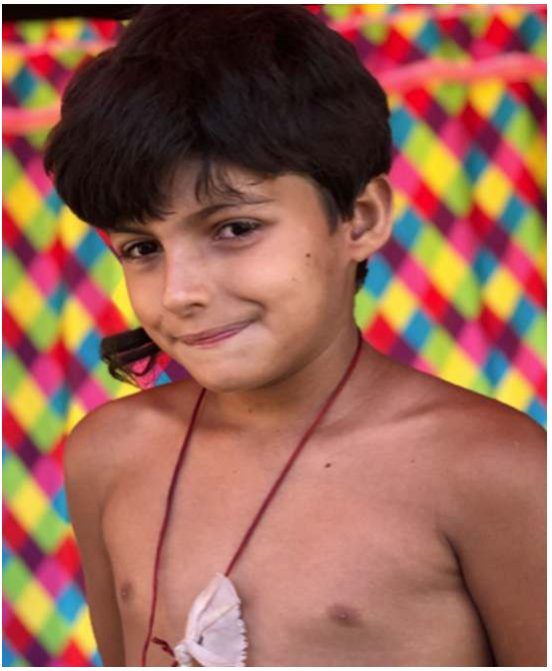

Imagem 2. Eduardo Soares 9 anos
Fonte: arquivo pessoal (2019)

Ela me deu algumas informações e me convidou para uma próxima visita.Pedi para fotografar seus filhos. Mais tarde, apesar de contatos com alguns ciganos, não cheguei a identificar, naquele momento, possibilidade de futuras entrevistas. Ao conversar, Daiane, mãe da Calin Diana, sempre me orientava a fazer uma visita a Quissamã, município adjacente: "lá tem muito mais ciganos do que aqui!". As fotos abaixo, foram feitas no meu primeiro encontro com os ciganos com a permissão de Daiane Soares.

- Posso te fotografar?

- Vai colocar no *facebook*?

- Não, de jeito nenhum. São para as minhas pesquisas com crianças ciganas.

- Então, pode ué!!!



Imagem 3. Daiane Soares 11 anos
Fonte da pesquisadora (2019)

A minha primeira imagem, em 2019, foi da menina Calin: Diana Soares, de onze anos. Gosto dessa fotografia porque ela carrega muito do nosso modo de pesquisar. O olhar da interlocutora de pesquisa colhendo o olhar da pesquisadora. A relação. O segundo clique ocorreu com o Calon Moisés, seu irmão, naquela época, com três anos de idade. A fotografia também é emblemática de nossos tempos. Diane, hoje, tem aparência de uma menina adolescente.

No segundo encontro, encontrei as crianças e seus pais sentados em quatro cadeiras de plástico, na rua que corta o acampamento deles. Conversavam tranquilos, como se aquilo fosse parte de seus cotidianos. Quando me viram, Diana veio ao meu encontro.

A menina Calin trajava um vestido longo, coral, de alças e fitas verdes em todo o seu vestido. Colocou as cadeiras no local planejado por ela, antecipadamente, para conversar comigo. Pelo que percebi, trata-se de lugar costumeiro, onde sempre brincava. Um terreno vazio em frente à barraca deles. A mãe consegue vê-

-los dali. Existem dois arbustos que fazem uma bela sombra. Conversamos. Mas Diana não tinha muito a falar. As mesmas afirmações ou negações curtas, rosto cabisbaixo. Até hoje, Diana e sua mãe são assim, quietas, quase não falam, mas Moisés Soares, seu irmão, compensa, pois fala e brinca muito comigo.

Após a pesquisa em Carapebus, segui os conselhos da Calin Daiane Soares. Fui para Quissamã, lá encontrei outros interlocutores de pesquisa que não estão inseridos nestes escritos. Os compêndios e pesquisas sobre os ciganos sempre relatam as perseguições que esse povo perpassa. Em Carapebus, não foi diferente. Luzia não está mais lá, e nem tão pouco a família da menina Calin Diana Soares. Segundo sua mãe, tiveram que sair às pressas devido a ameaças no local em relação à presença do acampamento.



Imagem 4: Moisés Soares, irmão de Diana Soares, com mamadeira e celular na mão.
Fonte da pesquisadora (18 de abril de 2021)

Finalmente, em Quissamã, obtive êxito no contato com os ciganos. A pesquisa continua até os dias atuais. Lá, conheci outros interlocutores de pesquisa que não se encontram nesses escritos.



Imagem 5: Acampamento Matias, Quissamã. 1ª seta: entrada principal. 2ª seta à direita – atualmente, barraca de Diana Soares. Foto aérea de drone: Arquivo Pessoal, julho de 2021



Imagem 6. Acampamento Matias, Quissamã. 1ª seta: barraca de Luzia Soares.
Foto aérea: Arquivo Pessoal, julho de 2021.



Imagem 7: Do lado esquerdo ao direto, a 1ª menina, Diana Soares, 13 anos; a 2ª menina: Yasmim Soares, 13 anos, Vitória Barreto Costa está abraçada comigo.

A minha pesquisa já está em fase de defesa e muito já aprendi com as crianças ciganas de Quissamã. Vale lembrar um episódio ocorrido em uma de minhas disciplinas do meu curso. Questionaram-nos sobre qual foi a última coisa que fizemos pela primeira vez? A última coisa que venho fazendo pela primeira vez é pesquisar e conhecer a infância cigana, e tenho me dedicado com muito afinco. Sempre estou atenta ao que vejo e ao que ouço no campo etnográfico, como também em busca da apatia e da aceitação das famílias envolvidas em minha pesquisa. A cada ida é sempre um desafio.

Em relação à pergunta feita acima, nesse momento, recorro a Paulo Freire, na amplitude de sua obra, quando faz referência à infância como o período em que nascem as perguntas. "A ideologia de Paulo Freire é uma ideologia do amor e também da pergunta". O estudioso sustentava que ensinar dando respostas poderia "castrar a curiosidade necessária do educando que teria que se expressar na pergunta" (Freire, 1985 *apud* Kohan, 2021, 35). Por isso o educar deveria começar das perguntas.

Depois de Freire, penso sobre quantas perguntas venho respondendo nesses quarenta anos como educadora? Quantas não observei? Quantas deixei de responder? Deveria tê-las respondido, ou deixado surgirem mais perguntas? Perguntas que venho fazendo como pesquisadora, como essa: a última coisa que fiz pela primeira vez. As crianças Calon me fazem perguntas, questionam sobre o que escrevo e por que escrevo sobre elas.

Vale lembrar que durante o período da pandemia a pesquisa foi feita pelo *WhatsApp*, aplicativo do celular. Então foram os sujeitos de minha pesquisa que responderam às minhas perguntas. Por duas vezes, estive no campo no auge da pandemia e observei a falta de apoio do governo em relação à minoria, como também ao grupo étnico Calon, não só o de Quissamã, como também em todos os estados brasileiros.

É factível mencionar que vivemos meio a um governo autoritário que protagoniza polêmicas, se apodera de *fake news*, e representa enquanto uma ameaça à população brasileira. Um Presidente da República que espalha maus exemplos, como a ausência do uso da máscara de proteção em um momento de pandemia, incentiva o não uso de imunização infantil. Um governo que nada tem feito em relação à saúde, um "negacionista". Desse modo, em um momento tão conturbado como o da pandemia, a minoria, como o povo cigano, é a que mais padece.

Em relação aos ciganos, os governantes do Brasil têm uma dívida com a etnia romanì (cigana). O nosso país vive uma transição à democracia às avessas, com a retirada de direitos e deveres desse povo. Durante a atual pandemia, vários acampamentos de itinerância[5] foram expulsos de seus lugares, e a situação da criança cigana em relação à escola se complicou ainda mais. Há ainda a necessidade de contabilizar as mortes de ciganos, que

[5] São acampamentos de ciganos sem fixação no lugar que escolhe para montar a barraca. Geralmente, pedem autorização à prefeitura, ou a um conhecido.

não tinham como manter a higienização adequada para o combate do coronavírus.

Acrescentem-se os problemas que as crianças romà (ciganas) enfrentam estudando de forma remota, pois não tinham acessos tecnológicos suficientes. Desiludidos com políticas públicas e com o governo em geral, os ciganos preferem seguir escondidos, como sempre fizeram.

Diante de uma população expropriada, excluída e mantida no silêncio, as vozes que nós, pesquisadores, escutamos e registramos precisam ser divulgadas. Kohan (2021) dialoga com Paulo Freire ao enfatizar que todo educador revolucionário, que tem uma causa justa para lutar na educação, torna-se um menino, não importa a sua idade. Desse modo, todo educador que transforma um currículo eurocentrado num currículo, em que a diversidade tenha seus direitos reconhecidos numa política reparadora da colonização, é um educador menino. Quando formamos educandos críticos e questionadores, estamos formando pessoas que incomodam.

Freire, aos 66 anos de idade, dizia ser um menino. Longe daqui, neste ano de 2022, a obra de Paulo Freire faz com que ele, aos 102 anos de idade, continue menino, pois seus escritos ainda incentivam meninos e meninas educadores.

Já caminhando para o fim destes escritos, relato que não posso deixar morrer a menina que existe em mim, como assim fez Paulo Freire: "[...] há um tempo menino que não sofre a passo do tempo; há uma vida menina que precisamos manter sempre viva; a nossa meninice nunca envelhece" (KOHAN, 2021, p.87)". Quero mais tempo menina, quero fazer algo pelos ciganos, através de minha pesquisa e escrita. Tento construir, pela minha escrita, uma revolução pela academia, singelamente infantil, de modo que qualquer opressor não oprima ainda mais essa etnia. Como pesquisadores, vivemos de ideais e potenciais pedagógicos libertado-

res. A educação liberta, emancipa, transforma. Kohan acrescenta: "sem medo de sonhar, criar, transformar".

Caminho agora pelas veredas de Barros (2018, p.49), que "não amava quem botassem data" em sua existência. "Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós". Pergunto por que os estudos com ciganos ocorreram agora, quando tenho muito mais vivências, já com meus sessenta e poucos anos? Sigo de novo com o autor que resolve voltar ao tempo "como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser". Conheci os ciganos quando infante, na esquina de minha casa, e agora, bem mais experiente, é por eles que escrevo.

Dizem estarmos numa contagem regressiva, mas é preciso dar passagem ao envelhecer, escutando as crianças ciganas, fazendo do envelhecimento uma forma de abrir a vida, e ser motivo para viver. O meu envelhecer me faz pesquisar as crianças ciganas. Elas me pedem para seguir com elas no meu tempo. Elas me contam suas histórias, me falam como é o seu cotidiano. A última foto desses escritos, travestida de roupa igual as das Calin, sou eu. Preciso tentar manter viva a cultura desse povo, e por isso me cubro com seus vestidos. Sou cigana de alma, talvez metade de mim?

Eu bebo a crença cigana em minha trajetória religiosa, amo a cultura desse povo oprimido, bem antes de pesquisá-lo. Não escrevo somente por um título acadêmico. Escrevo, como Freire (2013, p.20) afirma, "porque me sinto politicamente comprometida". Anotações de leituras, cliques de minha máquina e de meu celular, olhares e entrevistas trazem mais motivos para esse povo que tem os seus direitos negados, que resistiram à política do extermínio no holocausto da Segunda Guerra Mundial.

Foram muitos ciganos mortos junto aos judeus. A vida romanì importa. "Porrajmos, nunca mais!" Essa expressão lembra a perseguição e o assassinato de mais de meio milhão de crianças, mulheres e homens ciganos, pelo regime nazista. A escola preci-

sa saber que houve holocausto cigano e que o dia 02 de agosto é lembrado como o dia Internacional em Memória do Holocausto Romanì, e que o dia 4 de abril é comemorado como o Dia Internacional dos Ciganos. Alguns Calon não sabem, os "brasileiros[6]" também não, só têm o conhecimento do holocausto judeu. A escola não ensina, a escola não pergunta, a escola não responde.

Procuro um diálogo com Paulo Freire (2013, p.22) sobre lembranças. Segundo o educador, descrevemos a trama exatamente fiel ao ocorrido, na perspectiva do que vivemos na época, mas não com a experiência que temos hoje. "Os 'olhos' com que 'revejo' já não são os 'olhos' com que 'vi'."

Enfatizo vorazmente, em meus escritos iniciais da tese, que conheci os ciganos quando criança, em Colégio, município pobre do Rio de janeiro. Então, me pergunto por que não me interessei por eles. Em relação ao ato de perguntar, caminho com Kohan (2021): "quanto mais se pergunta, mais se pergunta". Quando criança, pedalava uma bicicleta velha e uma cigana me socorreu de um tombo. Por que não fiquei sua amiga? Vislumbrei panelas brilhantes e panos coloridos, pela fenda de um portão de madeira de um terreno baldio. Por que não pedi para entrar nas barracas? Tinha uma vida tão desgraçada em toda a minha infância. Por que não fugi com eles, quando caíram na estrada?

Kohan (2021, p.46) nos faz refletir: "todas as crianças não têm condições de viver uma vida infantil, curiosa, perguntadora e que, de fato, muitas pessoas descobrem as perguntas e o perguntar sendo adultas, e com isso, experenciam a infância em uma idade não cronologicamente infantil". Por que a curiosidade me aflorou justamente quando estou agora? Não existem respostas, ou talvez existam. Mas no momento, o que importam as respostas?

[6] Em visita ao campo etnográfico de Quissamã, eles me chamam de "brasileira" quer dizer, não-cigana.

Estudo "amorosamente" esse povo. Dedico-me com paixão à pesquisa que faço. Paulo Freire dizia que a Educação Brasileira era uma educação de respostas, e que ela "pode castrar a curiosidade necessária do educando que teria que se expressar nas perguntas" (FREIRE, 1985, s/p, *apud* Kohan, p.66). Que perguntas teriam as crianças Calon em sala de aula? Que perguntas acirrariam a curiosidade de outros educandos acerca da cultura dos romanì? Que perguntas os educadores poderiam fazer aos alunos Calon, e o que aprenderiam com eles? As perguntas desse povo não são respondidas, e também não são feitas. "Quantas perguntas cabem numa pergunta" e quantas perguntas se deixam de fazer sobre o povo romanì?

Na comunidade Calon de Quissamã, em relação ao período da infância, a criança cigana tem uma passagem curta nesta etapa. A infância Calon se concede sob outra perspectiva de infância. Geralmente, até os treze anos ou quando se inicia a sua primeira menstruação. Nessa fase, as meninas estariam prontas para o casamento. Neste processo, a proteção dos familiares e de todos da rede familiar é muito importante, pois se ensina a ser Calon e Calin pela sociabilidade, período pelo qual começam a experenciar diferentes atividades que servirão de base para esses indivíduos, período próximo da transição para a vida adulta.

Quando as crianças do acampamento Mathias, em Quissamã, fazem sete anos, existem dois motivos dos pais para a educação escolar. O primeiro seria para que os meninos possam aprender matemática, desse modo, aprendem a comercializar. As meninas vão para a escola para aprender a escrever o nome e a ler, depois, se preparam para ser mãe, de modo a eternizar a etnia. O segundo motivo dos pais levarem seus filhos para a escola é pelo auxílio família que recebem do governo por manter os filhos neste ambiente.

Não tenho dúvida de que as mulheres ciganas não recebem incentivo para ter um emprego, saúde, ou nível de educação como

as mulheres não-ciganas. Elas enfrentam o patriarcalismo cigano, e lidam com o anticiganismo arraigado na sociedade. A população gadjé (não cigano) teima em não os reconhecer, e o que fazem é permear estereótipos preconceituosos que enlameiam e escondem a verdadeira face da etnia romanì.

Finalmente, finalizo com as palavras de Kohan (2021) quando nos convida a pensar em relação aos tempos passado, presente e futuro. O autor sustenta que o presente é efêmero. Escrevo em um tempo que não será mais o tempo da leitura. O futuro seria o caminhar pelo mundo, como assim fizeram e ainda fazem os ciganos. "O amor educativo é um amor pelas pessoas que participam do ato educativo, mas também pelo mundo, pela vida, pela posição que ocupamos quando educamos".

Além das palavras do autor, respondo à pergunta que compõe o título desses escritos. Pesquisar as crianças ciganas do acampamento de Quissamã não será a última coisa que farei, mesmo sendo a primeira vez que pesquiso essa etnia. Muito ainda tenho que escrever sobre elas. Recorro a Barros (2018, p.48), mais uma vez, quando discorre que estudou muito a teoria nos livros. "Porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar". Ainda falta-me sentir e fazer fluir todos esses abstratismos em minhas futuras pesquisas.

As lutas de negros, de quilombolas, de judeus e de outras etnias têm sido respaldadas com leis. Os ciganos fazem parte de uma comunidade com diferentes hábitos e costumes, e precisam de suas próprias leis, que não saem de decretos e ficam presas em Brasília. Não importa o tempo, pois algo tem que mudar. Talvez para as futuras crianças romanì, viverão tempos melhores, pelas lutas de meninos e meninas de hoje. Chegará o dia?

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de, 1916-2014. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

CAPUTO, S. Reparar Miúdo, Narrar Kékeré: notas sobre nossa fotoetnopoética com crianças de terreiros. **Revista Teias**, v. 19. n. 53. Abr./Jun. 2018.

COELHO, Adolfo. **Os ciganos de Portugal**: com um estudo sobre o Calão. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

FREIRE, Paulo, 1921 – 1997. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis? Paulo Freire; organização e notas Ana Maria Arújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel (Orgs.). Dossiê ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. **Áltera – Revista de Antropologi**a, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul. / dez. 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: NEFI, 2021. Coleção Ensaios 10.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia. Prefácio de Sir James George Fraser. Traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução Eric Nepomuceno. 89. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. A infância calon: notas sobre o "ser criança" entre os ciganos no vale do Mamanguape Paraíba/Brasil. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 19-29, jan./mar. 2017.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. Educação entre ciganos na Paraíba: observando práticas de aprendizagem na constru-

ção identitária. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, [S.l.], maio 2018. ISSN 2446-6972. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231302>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MORAES FILHO, Mello, 1843 ou 4 – 1919. A. 1981 [1886/1885]. **Os ciganos no Brasil & Cancioneiro dos ciganos**. Posfácio Sílvio Romero; noptas Luís Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

SARMENTO, M.J. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SHIMURA, Mário Igor. **Ser cigano**: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante. Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/mario-igor-shimura.pdf>. Acesso em: 19 de jan. 2021.

SHIMURA, Mário Igor. **Duvelismo:** identidade e pluralidade religiosa Cigana. Londrina: Descoberta, 2014.

STEFANOVSKY, Ana Paula C. B. Soria Voria. **Juncos ao vento**: literatura e identidade romani (cigana). El alma de los parias, de Jorge Nedich. Brasília, 2015.

TEIXEIRA, Rodrigo Teixeira. **Ciganos em Minas Gerais**: breve História. Belo Horizonte: Ed. Crisálida, 2007.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.